

ENTREVISTAS



Resistência Cultural, Gênero, Raça e Sexualidade em Cuba e no Brasil

Entrevista com Tanya Saunders¹

Sheila dos Santos NASCIMENTO, *Coletivo LGBTSol*

Bárbara Elcimar dos Reis ALVES, *Coletivo Lesbibahia*

Igor Leonardo de Santana TORRES, *Universidade Federal da Bahia*

Felipe Bruno Martins FERNANDES, *Universidade Federal da Bahia*



(((AUDIODESCRIÇÃO)))

Em uma mesa redonda coberta por uma bandeira do arco-íris, símbolo das lutas LGBT, três mulheres negras sorriem para a câmera. Em primeiro plano, vemos à esquerda, Tanya Saunders, de camiseta roxa, que apoia o braço sobre a cadeira. Do lado direito, Sheila Nascimento, que veste uma regata branca estampada com um desenho de uma mulher negra de turbante. Ao fundo, no centro da foto, Bárbara Alves, de camisa branca e turbante, apóia os braços sobre a mesa.

¹ Link da entrevista na Rádio WEB Gira: <http://generoesexualidade.ffch.ufba.br/?attachment_id=803>. Rádio WEB Gira: <<http://cidadaniaeusou.ufba.br/>>. Revisão: Frederico Fagundes Soares.



Em 2016, por ocasião do Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, comemorado no dia 25 de julho, as ativistas lésbicas Sheila Nascimento (Coletivo LGBTSol) e Bárbara Alves (Lesbibahia) receberam, nas dependências do Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação (GIRA) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Profa. Tanya Saunders da Universidade da Flórida. Tanya Saunders é mestre em Política e Desenvolvimento Internacional pela Escola de Políticas Públicas Gerald R. Ford e PhD em Sociologia pela Universidade de Michigan.

Tanya Saunders esteve no Brasil em 2016 como professora visitante no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult) e no Mestrado Profissional em Letras (ProfLeTr@s), ambos da UFBA. Aqui realizou trabalho de campo com movimentos artísticos urbanos. Seu principal interesse de pesquisa é o ativismo no campo das artes - *artivismo* - na Diáspora Africana nas Américas, em suas interseções com a raça, o gênero e a sexualidade.

Nessa entrevista, a docente apresenta sua trajetória como pesquisadora nos estudos sobre raça, gênero e sexualidade, culminando com sua proposta de uma *Teoria Queer Fundamentada nos Dados [Grounded Queer Theory]*, cuja gênese se deu a partir de seu trabalho de campo com mulheres negras lésbicas em Cuba e no Brasil. Segundo a pesquisadora, os estudos interdisciplinares em raça, gênero, sexualidade e arte possibilitam a compreensão de novas formas de resistência ao racismo, ao sexismo e à lesbofobia. Tanya Saunders aborda também a teoria negra brasileira e os feminismos negros, com vistas ao estabelecimento de possíveis redes de pesquisa e ativismo entre o Caribe, a América Latina e os Estados Unidos. Nesse diálogo entre teoria e ativismo, a vocação de Tanya Saunders é a transformação social mais ampla, aliando economia e arte.

Rádio WEB Gira: Profa. Tanya Saunders, gostaríamos que nos contasse um pouco sobre a sua trajetória. Por que você se interessou em trabalhar com a arte contemporânea, particularmente em Cuba?

Tanya Saunders: Eu queria agradecer a vocês pelo convite, estou feliz por essa oportunidade. Minha trajetória acontece nos Estados Unidos. Primeiro, quero dizer que sou do sul dos Estados Unidos, a zona



negra do país, particularmente o sudeste. Cresci em Baltimore, uma cidade negra, num estado em que a porcentagem da população negra e branca é equivalente: 30% de negros, 30% de brancos. Também tenho família na Carolina do Norte, na parte rural do estado e cresci viajando para lá.

Isso é importante porque a população negra norte-americana tem uma conexão muito forte com o Caribe. Todos os movimentos sociais dos negros nos Estados Unidos não podem ser separados dos movimentos sociais do Caribe. Penso aqui em Marcus Garvey ou mesmo em Audre Lorde, uma mulher caribenha que cresceu em Nova Iorque. Então, nós, militantes da esquerda negra nos Estados Unidos, tínhamos uma obsessão, ou melhor, uma conexão forte com Cuba.

Depois da revolução cubana, Fidel Castro passou a viajar anualmente para os Estados Unidos, para falar em igrejas negras, sempre atuando com a população negra, por exemplo, no Harlem, bairro negro de Nova Iorque. Então, a esquerda negra tinha uma ideia de que em Cuba não existia racismo e esse pensamento continuou na área do *hip hop*. Nós, que crescemos como parte da geração do *hip hop* nos Estados Unidos, sempre ouvíamos sobre Cuba nas canções.

Eu tenho um tio apenas sete anos mais velho que eu - foi uma surpresa para meus avós ao nascer, pois eles tinham quase 50 anos - logo, ele é como um irmão para mim. Depois da escola, após os jogos de futebol americano, a gente costumava ir ao McDonalds para comer e conversar. Meu tio adorava o *big mac*! Quando eu tinha oito anos e ele mais ou menos quinze, ele me disse assim: “*Tanya, você sabe qual lugar no mundo é o mais revolucionário, que não tem problemas sociais e no qual todas as pessoas são iguais? Cuba*”. E ele falou que os Estados Unidos odiavam Cuba porque o presidente deste país era um homem negro, que estava causando problemas para o Estado branco e racista norte-americano.

Quando eu comecei meus estudos de graduação, tive a oportunidade de fazer, em minha monografia, uma pesquisa independente. Decidi aproveitar a oportunidade para viajar para Cuba e ver se essa imagem que eu tinha de lá era real. De forma jocosa, costumo dizer que a primeira coisa que aprendi em Cuba foi que Fidel Castro não era negro, como a gente gostava de dizer. O que percebi de fato, isso em 1998, era que as ideologias da direita e da esquerda nos Estados Unidos afetaram as pesquisas sobre Cuba. Se uma pessoa quisesse apresentar



Cuba como um país com nuances, com contradições, com sua própria cultura, era, na esquerda, considerada contrarrevolucionária. E na direita, se você falasse “*Cuba tem esses problemas, mas tem coisas boas*”, eles diziam que a pessoa era ignorante, imatura e que não entendia o mundo real. Eu decidi continuar indo à Cuba ao longo de minha carreira porque senti que precisava realmente conhecer o país para entender melhor quais eram os desafios do povo cubano.

Vamos cortar a história para os meus estudos de pós-graduação, particularmente o doutorado. Nesse momento, decidi focar nas questões de gênero, raça e sexualidade, porque essas eram áreas que apresentavam muitas tensões na cultura local. Em alguns sentidos, a situação para as mulheres era melhor, e em outros, pior. E o mesmo acontecia com as pessoas LGBT.

A Universidade de Michigan, onde fiz meus estudos, me forçou, realmente, a me filiar a uma instituição cubana. Naquele momento, as pessoas que faziam pesquisa em Cuba entendiam que havia, de um lado, o governo e de outro, o povo, e quando você trabalha diretamente com o governo, esse tenta te controlar, pois deseja que uma imagem positiva de Cuba seja retratada nos relatórios finais das pesquisas. Então, eu, que trabalhei com o povo durante anos, nesse momento, tive que trabalhar com o Estado. E o que aconteceu? Eles começaram a bloquear tudo. Eu tinha dificuldades. Passei a trabalhar com um orientador cubano, acadêmico e poeta, e falei para ele: “*nossa, eu não sei o que vou fazer, porque preciso terminar meus estudos, mas não posso desenvolver outro projeto*”. E ele me disse: “*Tanya: cultura, suas respostas estão na área da cultura*”. Porque realmente eu estava interessada nessa questão de mudança social, sabe? Como seria um país sem problemas sociais? Como seria um país que tivesse igualdade? E como seria esse processo? O que é mudança social? O que é realmente ter uma revolução? E ele me falou: “*cultura, cultura, cultura*”. Eu falei: “*okay, okay, okay*” e voltei para casa.

Dormi e, na metade da noite, acordei: “*ah, cultura!*”. Eu estava trabalhando, em minhas pesquisas na biblioteca, com outras pessoas e decidi voltar o meu olhar para o movimento *hip hop* cubano. Eu tinha como amigas pessoas que falavam sobre gênero, raça e sexualidade, nos trabalhos com suas comunidades, voltados para a mudança social, como as [*rappers*] Krudas e La Fina.



Foi nesse momento que percebi que, nos termos do processo revolucionário em Cuba, uma coisa interessante tinha acontecido. Os artistas e ativistas cubanos, em diálogo com o governo, nos últimos 60 anos, lutaram para criar um espaço de debate e expressão do pensamento, um espaço realmente de afeto. Olhando esse espaço, percebi que, nos estudos sobre política, a gente não está pensando na cultura e na importância dos movimentos sociais dessa área para a mudança social. E existe uma razão para que isso aconteça: se o poder hegemônico levasse a arte a sério, como uma ferramenta de luta política, então teria que ouvir, respeitar e responder as críticas que estão saindo de dentro da esfera cultural. Então, ignorar essa esfera é uma maneira de limitar as ferramentas que o povo pode usar em sua participação democrática.

Rádio WEB Gira: Em nossas pesquisas prévias a essa entrevista, encontramos o artigo “*Black Lesbians and Racial Identity in Contemporary Cuba*” (Revista *Black Women, Gender + Families*, 2010) em que você fala sobre a mulher lésbica negra e a identidade contemporânea. Gostaríamos que falasse o que é ser uma lésbica negra em Cuba.

Tanya Saunders: Como pensar sobre isso? Primeiro, Cuba teve uma revolução. Eu não sei se aqui no Brasil, nos estudos feministas, vocês falam sobre as ondas feministas - a primeira e a segunda onda... Então, Cuba teve uma revolução da segunda onda do feminismo e parou. E as pessoas que tentaram forçar o governo a reconhecer que ainda havia problemas na área cultural eram classificadas como contrarrevolucionárias. Por que isso era importante? Nas décadas de 1960 e 1970, quando essa revolução feminista estava em curso em Cuba, as pautas eram similares àquelas das décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos. E o governo revolucionário falava que todos os problemas para as mulheres tinham acabado com a revolução, porque, em termos estatísticos, não havia mais desigualdade na educação, no emprego e na economia. Diziam que as mulheres tinham acesso ao aborto e a absorventes – essas coisas são de graça em Cuba. Mas, como o governo falava que havia uma instituição, a Federação de Mulheres Cubanas, que representava todas as mulheres do país, não havia necessidade de outros grupos ou coletivos - assim, esses teriam que



acabar. Era difícil para as mulheres falarem sobre os problemas culturais e isso aconteceu na área da raça também. O mundo continuou a mudar, existiam críticas sobre gênero e raça em outros países, mas não em Cuba.

E chegamos ao momento de hoje, depois da crise econômica da década de 1990 – em Cuba, eles chamam essa crise econômica de “período especial”. Isso foi depois da queda da União Soviética e Cuba perdeu seu melhor parceiro econômico. Então, quando Cuba começou a liberar sua economia, as pessoas que ainda mantinham ideias racistas e sexistas começaram a atuar na área econômica e isso prejudicou economicamente as mulheres negras. Estou falando isso porque duas áreas afetam principalmente a vida das mulheres negras: economia e cultura. No que tange ao problema econômico, por causa do racismo, as mulheres negras não têm acesso à nova economia. Além disso, nessa situação econômica de Cuba, o governo não está construindo novas casas. Isso faz com que muitas mulheres – imaginem! – morem em casas com quatro gerações da família! E alguns apartamentos não têm nenhum quarto, sabe?

E em Cuba há uma expectativa, arraigada na cultura, de que cuidar da família cabe apenas às mulheres. Também há outra coisa: a presença da mulher na esfera pública. De minha perspectiva, e agora eu vou pensar sobre a sexualidade, acho que existem muitas pesquisas pensando em patriarcalismos, mas é necessário ressaltar que o tipo de patriarcado que existe em Cuba, que as pessoas chamam de *machismo*, tem algumas variações em comparação ao patriarcado que existe nos Estados Unidos. Minha perspectiva e de outros pesquisadores parte do pressuposto de que, em Cuba, as mulheres não acessam o espaço público da mesma forma que os homens. Em Cuba, aquele considerado como “homem” – a pessoa que nasce com um pênis – é reconhecido como ser humano e tem o direito de fala. E não importa se é um homem que não vive de uma maneira culturalmente respeitada ou aceita, basta ter sido classificado como homem ao nascer para acessar esse privilégio.

Na esfera pública, em Cuba, há muitas classificações não normativas para as pessoas que foram classificadas ao nascer como meninos, mas o mesmo não acontece para aquelas que, ao nascer, foram classificadas como meninas.

Recentemente, em Cuba, alguns homens passaram a se identificar como bissexuais, o que é uma novidade. Lá existe uma categoria que as pessoas usavam chamada *vulgarón*, existem os gays. Há



também as travestis e as transexuais... Vemos então mais ou menos seis ou sete classificações para a experiência não normativa daquelas pessoas que nasceram com pênis.

Já para as “meninas”, há apenas a lésbica, e isso é também uma novidade, porque muitas pessoas ainda nem imaginam que possa existir uma lésbica! Mesmo aquelas que entendem minimamente a lesbianidade reproduzem o discurso de que “*só existe lésbica*”. Muitas pessoas ainda não acreditam que uma mulher bissexual pode existir, ou realmente acham que as mulheres lésbicas são, na verdade, bissexuais. “*Se é uma mulher, claro que ela vai querer um homem*”. Para uma mulher, só há uma possibilidade, a heterossexualidade. Então as pessoas só pensam nisso. Nesse sentido em termos de classificações não normativas para aquelas que nasceram “meninas”, não há muitas classificações.

Em Cuba há uma nova dinâmica dos homens trans, mas ainda de muita invisibilidade. O governo cubano financia a cirurgia de redesignação sexual para as mulheres transexuais, ou seja, para aquelas classificadas como meninos ao nascer e que transicionam para menina. Cerca de vinte mulheres transexuais já se beneficiaram desse serviço do governo. Isso sem falar das pessoas que estão esperando na fila. Mas só existem dois homens trans em Cuba, entende o que estou dizendo? Por que só existem dois?

As interseções de classe, raça e gênero afetam muito as mulheres negras em Cuba. A crítica do que é ser uma mulher está realmente acontecendo agora. As perguntas sobre o que é ser afrodescendente em Cuba, sobre como pensamos uma política afrodescendente ou a luta contra o racismo também estão acontecendo agora.

O pensamento sobre isso tudo, incluindo questões de classe, raça e gênero após a revolução cubana, é uma conversa que está acontecendo agora e apenas recentemente esses aspectos de sexualidade passaram a compor o diálogo. As políticas do governo no campo da sexualidade e no apoio à comunidade LGBT, desde a década de 1990, focaram nas pessoas classificadas como meninos ao nascer, por causa da crise da aids. Mas realmente não focaram na situação das mulheres. São as mulheres negras e lésbicas, unidas, que estão fazendo essa nova crítica. Não nova, mas contemporânea. É um processo que começou com a crise na década de 1990.



Rádio WEB Gira: Como essas minorias sociais têm utilizado a cultura para problematizar a opressão e ganhar visibilidade?

Tanya Saunders: Realmente, o movimento *hip hop* em Cuba é a chave nessa área. As primeiras mulheres, na história de Cuba, como estou entendendo agora em minha pesquisa, que publicamente falaram que são lésbicas foram as *Krudas [Cubensi]* - isso foi na década de 1990. Elas também estão entre as primeiras a falarem que são feministas. Situo aqui o período após os anos 1970, porque na década de 1960 ainda aconteciam algumas coisas. Mas as primeiras a articularem publicamente uma política feminista foram as mulheres do *hip hop* cubano, falando sobre feminismo negro com um enfoque afrocentrado.

Rádio WEB Gira: Você trabalha com artistas negras e lésbicas do *hip hop* cubano, como as *Krudas Cubensi*. Como elas utilizam a arte em sua militância feminista?

Tanya Saunders: Em Cuba, não existem só as *Krudas*, mas também Afibola [Sifunola], Sandra [Abd'Allah-Alvarez Ramírez] e Logbona [Olukonee].

Afibola é uma poeta. Estou esperando ela publicar seu livro. Não sei se ela já o fez. Ela faz uma análise da situação da mulher. Em uma poesia recitada em forma de *spoken word*², ela fala sobre ser o pai e a mãe de seu filho ao mesmo tempo... É uma coisa tão [linda]! A forma como ela fala sobre a situação das mulheres negras e lésbicas em Cuba provoca as pessoas a pensarem em formas diferentes sobre as intersecções de raça e sexualidade, e gênero, juntos.

Há um blog chamado *Negra cubana tenía que ser*³, não sei se vocês conhecem. Ele é feito por Sandra, que está agora morando na Alemanha com sua esposa, que também é cubana, cubana-alemã. Há

² *Spoken Word* é uma forma de performance artística em que a poesia é declamada ao invés de cantada, mantendo o foco na oralidade. Um exemplo de declamação de poesia em *spoken word* por Afibola Sifunola visite <<https://negracubanateniaqueser.com/2015/01/10/puta-puta-que-respeta-la-vida/>>.

³ <<https://negracubanateniaqueser.com>>.



hoje uma presença maior de blogueiras em Cuba e Sandra é uma pessoa central nisso.

Logbona, que está fazendo o seu doutorado em Estudos Feministas no México, em Chiapas, tenta desenvolver termos para descrever os tipos de feminismos negros que existem em Cuba. Ela fala sobre *afroqueeridade*, *afrofeministas caribenhas*, entre outras categorias. Acho que ela é uma intelectual, uma feminista negra, lésbica, *queer*, cujo trabalho realmente representa alguns dos movimentos que estão acontecendo em Cuba, agora, com essa nova geração.

Todas as artistas em Cuba atuam em diferentes tipos de arte, não só a poesia, mas também artes plásticas, por exemplo, e isso é uma coisa que eu respeito muito nelas. Eu admiro muito essas mulheres.

Vamos ler essas pessoas, vamos ler Audre Lorde e M. Jacqui Alexander... Vamos fazer uma reflexão sobre nossas experiências e como as coisas são aqui e em Cuba. E também ler as feministas negras e os teóricos queer negros e latinos, chicanos, e refletir porque dizem determinadas coisas que refletem as experiências delas.

Nas Américas, estamos conectados por uma história de violência colonial que tem sua base na escravidão do povo africano, e ainda estamos lidando com esse legado e esse sistema. Então vamos ler essas pessoas cujas realidades também foram formadas por essa dinâmica de colonialidade. Mas temos que parar e pensar sobre a gente e produzir nossa própria teoria. Porque aqui também temos intelectuais que desenvolvem teorias que ajudam o mundo e outras pessoas em outros países, especialmente na América Latina e no Caribe, mas também o povo negro e latino nos Estados Unidos. Muitas dessas pessoas estão morando na diáspora, algumas na diáspora cubana, porque quiseram ter acesso a ferramentas fora do país para apoiar mudanças sociais em seu próprio país.

A última coisa que eu gostaria de falar nesse ponto é que acontecerá o primeiro *Festival Internacional de Hip Hop Femenino* em Pinar del Rio/Cuba, entre 02 e 04 de setembro de 2016, que contará com a participação de muitas artistas brasileiras convidadas, como Luana Hansen⁴. E isso está sendo organizado pelo coletivo *Somos Mucho Más*, no qual La Fina [Yamay Mejías] é uma artista muito importante, que

4 Cf. *Negra, lésbica e feminista, Luana Hansen vai representar o rap brasileiro em Cuba*, disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/07/27/negra-lesbica-e-feminista-luana-hansen-vai-representar-o-rap-brasileiro-em-cuba/>>.



apoia os movimentos *hip hop* femininos para empoderar as mulheres. E ela está sempre trabalhando, procurando oportunidades para apoiar outras artistas feministas.

Rádio WEB Gira: Falando em diáspora e suas estadia no Brasil, o que você leva de contribuição dessa troca?

Tanya Saunders: Em termos de Brasil, foi uma experiência linda, sabe? Muita informação, muitas coisas que, provavelmente, nos próximos dez anos, estarei processando. Vou falar primeiro das coisas que ganhei em minha experiência aqui. Fiquei bem impressionada, não serei a mesma pessoa quando voltar e isso pela força do povo negro daqui, especialmente vocês que são ativistas feministas, negras e lésbicas.

Uma coisa que eu respeito muito aqui, e que eu espero que a gente possa ter nos Estados Unidos, são as organizações, as instituições e ONGs nessa área, como o Instituto Odara que visitei ontem. Eu não conheço nenhum instituto nacional ou mesmo regional nos Estados Unidos que está organizado e que foque na vida das mulheres negras da maneira que está acontecendo aqui.

Eu penso também sobre a religiosidade e o poder das mulheres negras dentro do candomblé. Eu penso sobre as coisas tristes - e falo da maneira como os policiais tratam as pessoas aqui, as pessoas negras. O que aconteceu com [o impeachment de] Dilma Rousseff, não sei como foi para vocês, porque não sou brasileira, mas minha experiência com esse processo foi triste, por ver a cara do sexismo misturada com a homofobia e o racismo.

Pude entender um pouquinho melhor a complexidade do racismo no Brasil e as maneiras pelas quais ele se manifesta. Eu morava num condomínio de classe média alta, encontrei esse condomínio na internet. Na noite em que eles votaram o impeachment da Dilma no Congresso Nacional, as pessoas começaram a gritar coisas racistas e sexistas pela janela, diziam que ela deveria ser estuprada, todas essas loucuras. É triste porque, para mim, pensando em todas as coisas que estão acontecendo agora nos Estados Unidos, este é, provavelmente, o momento em que eu posso pensar em semelhanças que a gente tem.



Outra coisa interessante foi a comida brasileira. Tinham algumas coisas novas para mim e, por vezes, tirei fotos dos meus pratos e mandei para as minhas tias e para a minha mãe: “*olha isso! Eles comem isso aqui!*”. Um desejo que não realizei no Brasil foi trazer as pessoas de minha família, as mulheres (mas tem alguns homens que sabem cozinhar), para fazerem comida afro-americana para vocês. É comida do sul - os brancos também comem, porque o sul é bem africanizado, sabe? Fiquei impressionada, pois não sei o que as pessoas daqui imaginam que a gente come nos Estados Unidos, particularmente no sul. Quando eu mostrei para algumas pessoas daqui os tipos de feijão que a gente come lá, vi que um deles é o mesmo que comem aqui na Bahia, branco com uma parte preta no centro, [o feijão fradinho]. Comemos esse feijão no primeiro dia do ano para ter sorte no ano inteiro e a gente também come quiabo...

Rádio WEB Gira: Tanya, gostaríamos de perguntar a você acerca da pesquisa que você está fazendo no Brasil. Poderia falar um pouco do que você tem buscado compreender aqui?

Tanya Saunders: Minha pesquisa aqui começou da mesma forma que em Cuba, porque eu uso uma metodologia chamada *Teoria Fundamentada nos Dados*, uma teoria e pesquisa desenvolvida pela experiência.

Eu comecei a vir aqui em 2008. Naquela época, falava maisportunhol que hoje. Cheguei com algumas temáticas, como música, *hip hop*, mudança social, pensando em raça, gênero e sexualidade, focando também aqui nos movimentos das mulheres dentro da esfera cultural. Agora, depois de muito tempo viajando, conhecendo cidades do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Belo Horizonte, acho que o interessante é pensar uma teoria negra brasileira. Meu foco atual de pesquisa é esse. Tem um livro popular nos Estados Unidos, de Patricia Hill Collins - *Black Femininst Thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment* - cuja proposta é pensar qual a cara do feminismo negro nos Estados Unidos, e isso é o que eu estou fazendo aqui, para o Brasil.



Rádio WEB Gira: Gostaríamos que que você falasse sobre sua expectativa com o *Festival Latinidades*⁵.

Tanya Saunders: Eu era uma espécie de *manager* para as Krudas quando elas fizeram seu *tour* no Brasil em 2013. O *tour* começou no *Afrolatinidades* e a gente continuou em outras partes do país. Patricia Hill Collins, que esteve aqui no festival, disse que escutá-las foi uma experiência de forte impacto.

O *Afrolatinidades* é um exemplo do feminismo negro que existe aqui no Brasil. Eu gosto do festival! Para a gente, nos Estados Unidos, o feminismo negro sempre teve esse aspecto transnacional. Voltando para o começo da entrevista, esse aspecto se deve à conexão que temos com o Caribe e também com as pessoas negras da América Latina que chegaram aos Estados Unidos. Além de tudo isso, há também a questão do poder, da opressão, da colonialidade e da experiência de ser uma mulher negra. O feminismo negro, em seu início, não conheceu fronteiras. Nós, mulheres negras, fomos vendidas, não tínhamos cidadania, não tínhamos país no começo de nossas experiências nesse continente. Então, para mim, o feminismo negro de qualquer país sempre terá esse olhar transnacional e acho que o *Afrolatinidades* reflete isso.

Rádio WEB Gira: Ficamos muito felizes de conversar com você, nessa entrevista que reuniu três mulheres negras, lésbicas, falando sobre essas questões. Muito obrigada por estar aqui.

Tanya Saunders: Obrigada a vocês.

Apoio



⁵ O Festival Latinidades foi criado em 2008 para marcar o Dia da Mulher Afro Latino Americana e Caribenha, comemorado em 25 de julho. Realizado no Brasil, é o maior festival de mulheres negras da América Latina. Maiores informações em: <<http://www.afrolatinas.com.br/festival/>>.

**Sheila dos Santos NASCIMENTO**

Graduada em licenciatura em Biologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia. Ativista da Grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais de Jequié/BA - LGBTSol.

Bárbara Elcimar dos Reis ALVES

Possui graduação em Administração com Habilitação em Marketing pela Fundação Visconde de Cairu (2005). Pesquisadora do Grupo Enlace da UNEB, do Gira - Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação da UFBA e do LES – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Lesbianidade, Gênero, Raça e Sexualidades da UFRB. Tem conhecimento nas áreas de Gestão Social, Ciência Política e Antropologia com ênfase em Políticas Públicas, atuando principalmente com os seguinte temas: Movimentos Sociais, LGBTfobia, Lesbianidades, Feminismos e Gestão Territorial.

Igor Leonardo de Santana TORRES

Graduando em Estudos de Gênero e Diversidade na Universidade Federal da Bahia. Atua principalmente nos seguintes temas: feminismos, estudos queer, subjetividade, gênero e sexualidade.

Felipe Bruno Martins FERNANDES

Docente do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD), do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (PPGNEIM) e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).